





Raimundo Nonato Freitas de Cerqueira

Vida eterna  
volume 2

Florianópolis  
Edição do Autor  
2023

## Sumário

### Mensagens de Lucas

- O filho pródigo, 8
- O paralítico de Cafarnaum, 15
- O homem da mão mirrada, 28
- A viúva de Naim, 41
- A multiplicação dos pães, 47
- O espírita arrependido, 55
- Como nos dias de Noé, 70
- O publicano de Jericó, 79
- A questão da ressurreição, 94

### Mensagens de João

- Novo nascimento, 123
- A mulher samaritana, 132
- O tanque de Betesda, 149
- O pão da vida, 156
- Lázaro de Betânia, 162

### Mensagens de Atos dos Apóstolos

- O coxo de Jerusalém, 170
- A sombra de Pedro, 176
- A maçonaria do rei Agripa, 183
- Primeira Viagem Missionária, 196
- Segunda Viagem Missionária, 212
- Terceira Viagem Missionária, 228
- Viagem de Paulo a Roma, 239

### Mensagens do Apocalipse

- A igreja de Éfeso, 264
- A igreja de Esmirna, 270

A igreja de Pérgamo, 283  
A igreja de Tiatira, 294  
A igreja de Sardes, 300  
A igreja de Filadélfia, 309  
A igreja de Laodiceia, 321  
O Milênio, 328  
O Trono Branco, 344

Referências 354/371

## Prefácio

Esta obra literária visa oferecer informações de valores eternos ao conhecimento de todo aquele que deseja alcançar uma visão melhor a respeito de como o Deus Eterno se relaciona com a Criatura. Como é de pleno conhecimento, formado em estado de absoluta inocência e de elevado ao grau de gestão, para administrar um reino de fartura, os gestores primitivos ousaram seguir orientações de alguém estranho ao ninho, e este os enganou, e foi assim que o pecado começou a destruir o reino que o Eterno lhes havia entregue para administrá-lo.

E para dar cabo a esse rastro de destruição, que ao longo dos milênios tem gerado um rosário de desgraças, o plano divino de resgate consistiu no envio do Messias, ao ambiente terreno, e este trouxe consigo o perdão para todo aquele que o aceitar como seu único Senhor e Salvador. E esse plano de resgate, do ser humano decaído, é assunto desta obra literária.

Florianópolis, Santa Catarina, 20 de julho de 2022.

## Mensagens de Lucas

## ***O filho pródigo***

### ***Introdução dos fatos***

A parábola do filho pródigo foi mais um dos ensinamentos que o Filho do Homem proferiu para ministrar a seus ouvintes que Deus Pai está sempre disposto a perdoar a todo aquele que se arrepender de seu passado pecaminoso. O relato bíblico gira em torno do relacionamento entre um pai fazendeiro e dois filhos, do relacionamento dos dois filhos para com seu pai, e do relacionamento entre os dois filhos.

O amor do pai foi demasiadamente grandioso para não incriminar os dois filhos, apesar de o amor humano ser mesquinho, egoísta, tacanho, limitado, invejoso e míope por excelência. Tanto o filho caçula, que abandonou a seu velho pai, como o filho maior, que permaneceu cuidando da fazenda, pecaram contra o amor de seu pai para com eles. Apesar de temperamento e comportamento diferentes, os dois filhos estavam aprisionados a valores que não saltam para a eternidade.

O filho mais novo tinha sua mente cheia de ilusões que a vida terrena tem para oferecer a todo aquele que tem seu fundamento fincado em um mundo de fantasia, pois, seus olhos encontravam-se tapados para a dura realidade da vida. Essa família judia conhecia perfeitamente o mandamento divino do filho para com seus pais. O filho devia cuidar deles na velhice, para que, assim procedendo, fosse financeiramente próspero em suas atividades

materiais, além de uma vida longa abençoada (Deuteronômio 5.16).

### ***Interpretação dos fatos***

Conforme a lei de herança, com o falecimento do pai, era necessário a partilha dos bens, sendo que 50% da herança ficava com a mãe, e o restante 50% fica dividido em partes iguais entre os filhos. Nesse caso, como o pai encontrava-se vivo e ativo, não havia necessidade alguma do fazendeiro rico fazer a partilha dos bens. O fazendeiro até poderia elaborar a partilha dos bens, mas esta somente teria força de lei após sua partida terrena.

No entanto, numa visão de águia que contempla “os píncaros dos Andes”, o pai não receou atender ao pedido louco de seu filho rebelde, e colocou em sua mão o valor correspondente a sua parte na partilha dos bens. Esse filho, ao tomar a parte da herança polpuda que lhe cabia, e de partir para uma terra distante e estranha, demonstrou o mínimo interesse na prosperidade dos bens de seu pai, como também infringiu o mandamento divino de cuidar de seu pai que envelhecia dia a dia.

O jovem rebelde fugiu de suas responsabilidades na administração dos bens da família, desejoso de gozar a vida, de ser independente, de ser um playboy, e de uma existência, apenas, de consumo, mas se esqueceu de que, caso não houvesse uma reposição constante dos valores que esbanjaria, estaria fadado ao fracasso. E o fracasso realmente aconteceu, algum tempo depois. Ao partir para uma terra distante, o filho

rebelde se excluiu ao amor de seu velho pai, de sua família, como negou a seus pais sua condição de filho.

Com os bolsos cheios de dólares, despediu-se da família e partiu para alimentar o sonho de suas fantasias em uma nação distante e estranha. Na plenitude da juventude e com muito dinheiro para gastar, não foi difícil formar um círculo de amigos de muito poder aquisitivo, e de dar vazão aos prazeres passageiros que o muito dinheiro fácil oferece. Contudo, pouco tempo depois, o dinheiro acabou, a fome chegou àquela região, e a crise econômica assolou a todos, sem distinção alguma. O jovem ficou sem dinheiro, perdeu os amigos, perdeu as meninas cheirosas e perdeu a dignidade, e somente então, ao contemplar um futuro negro, é que acordou para a realidade da vida.

Ao cair em si e se ver sem dinheiro no bolso, sem onde dormir, sem poder se alimentar e sem amigos, buscou uma vaga de emprego, e a única disponível foi a de exercer a atividade de cuidar de porcos em uma zona rural, suportando o calor do dia e a geada de noites frias. Somente agora, é que se viu alienado da sociedade de consumo e vítima da loucura que cometera, ao abandonar a fartura que havia na fazenda de seu velho e abandonado pai.

Abandonado pelos amigos e pelas donzelas cheirosas, desejava se alimentar com a lavagem destinada aos porcos, devido à fome que assolava a região. Cuidar de porcos, para um judeu, é o tipo de serviço o mais repugnante imaginável. Pois, segundo uma expressa determinação da Lei

Mosaica, pelo fato do porco ser um animal imundo, seu corpo não deve ser tocado e sua carne não pode ser usada como alimento (Levíticos 11.8).

Somente após fazer uso de uma roupagem grosseira, suja e fedorenta, de usar sapatos rotos, e de não dispor de condições para um banho decente, é que o filho rebelde passou a dar valor à fartura de bens, de alimento e de serviços que reinava na fazenda do velho pai, a quem o abandonou em seu ato de extrema loucura.

Infelizmente, o ser humano precisa apanhar para começar a dar valor a toda uma riqueza moral e espiritual que circula a seu redor. Às vezes, uma chicotada pode vir na forma de um câncer ou algo semelhante, para acordar do sono que o embala nas orgias e bacanais de uma vida pregressa. E ao sentir na pele as consequências da loucura que havia cultivado, o jovem rebelde, criado em um berço de ouro, e que nunca colocou “a mão na massa”, ao se ver caminhando em direção a um futuro negro, decidiu retornar à casa do velho pai que o abandonara, uma vez que havia sido atraído e engodado pelas ilusões “do pacote negro” que a vida pecaminosa lhe vendeu.

Arrependido por haver pecado contra seu pai e seu Criador, tomou a decisão de abandonar o emprego repugnante de cuidar de porcos, e assim deu início a uma longa caminhada dolorosa de regresso. Retornou de bolsos vazios, descalço, humilhado, envergonhado, derrotado e incorporado num farrapo humano. Ele mesmo reconheceu não ter direito de herdar os bens de seu pai e de não mais ser

reconhecido como seu filho, apenas, desejava que seu pai o recebesse como um de seus empregados, pois, sabia que seus trabalhadores desfrutavam de comida abundante e vestes decentes.

O tipo de recepção que almejava receber, dependia do tipo de pai que se tem, mas foi bem recepcionado, porque seu velho pai tinha um coração cheio de amor para dar. Então, ainda que de longe, o pai avistou seu filho metido em trajes esfarrapados, caminhando com pés descalços, cabeludo, barbudo, e objeto de escárnio para todos seus conhecidos.

Tomado por um instinto de amor, o velho pai correu em direção do trapo humano para minorar o estado de humilhação e miséria de seu filho rebelde. As vestes esfarrapadas, sujas e fedorentas foram queimadas, e vestes finas, nobres e novas lhes foram dadas, como símbolo de dignidade; um anel de ouro foi colocado em seu dedo, como símbolo de filiação paterna; sapatos novos e de excelente qualidade foram colocados em seus pés sangrentos, como símbolo de segurança; e até mesmo um bezerro cevado foi abatido, como símbolo de ambiente festivo para recepcionar o retorno do filho que estava condenado a um futuro miserável.

E ao final de sua atividade do dia, ao tomar conhecimento do ambiente festivo que seu pai preparou para recepcionar o filho que o havia abandonado, e que este estava metido em trajes nobres, o filho primogênito, tomado por um mar de ciúmes, ficou tremendamente irritado com seu velho pai.

### ***Conclusão dos fatos***

A parábola do filho pródigo é uma figura do cenário da humanidade que abandona a casa de seu pai, o Criador, para cuidar de “porcos” que vivem em uma Ilha da fantasia. E assim circulam no mundo das drogas alucinógenas, nas orgias, nos bacanais, nas farras, e nessa bola de neve navegam, até que uma inesperada enfermidade cruel o arrasta para um leito de hospital, ou para um centro de recuperação, e somente assim é que tudo cessa e nada canta, no exato momento em que cai a máscara que os arrastará para um buraco negro profundo.

E apesar de as cortinas da vida terrena se fecharem, não se arrependem das desgraças que cultivam, e devido ao coração endurecido, pelo pecado, não retornam à casa de seu Pai, aquele que o formou conforme sua imagem e semelhança, pois, preferem viver em meio ao “chiqueiro”, e assim partem para uma eternidade vazia, escura e tenebrosa.

### ***Questionário revisor***

1. Por que o filho pródigo abandonou a casa e tudo o quanto seu pai havia construído?

Seu pai era um empresário de sucesso no ramo do agronegócio, mas esse seu filho não conseguia enxergar que toda essa riqueza seria sua, e que, ajudando a seu pai na administração dos negócios, iria armazenar uma bagagem de conhecimento para, futuramente, conduzir toda a riqueza que seu pai havia formado.

2.O que ocorreu quando o dinheiro do esbanjador acabou?

A energia da juventude, os prazeres da carne e o dinheiro no bolso era a muleta que o mantinha ativo para uma sequência de prazeres carnavais, mas, no momento que a muleta que o sustentava foi removida, se viu abandonado pelos amigos, pelas orgias, pelas donzelas dengosas, pela farra, pelo uísque, pelas vaidades que cultivava, e foi levado ao campo para cuidar de porcos, e até desejava se alimentar com a ração destinada a esses animais imundos, tal a fome que devorava suas entranhas.

3.O pródigo retornou vitorioso e com bolsos cheios de dólares para a casa de seu pai?

Não. Retornou metido em roupas esfarrapadas, sujo, fedorento, faminto, pés descalços, derrotado, humilhado, envergonhado, pobre, mendigo, miserável, cheio de vermes, enfim, num ambulante farrapo humano.

4.O jovem rebelde se arrependeu do erro que havia cometido?

Sim. Reconheceu que havia pecado contra seu pai e contra o Deus de seus antepassados, que estava condenado a uma existência vazia, que seu futuro seria uma desgraça, que a morte o rondava, e que o pecado é a desgraça da humanidade.

O filho pródigo

Lucas 15.11-32

pr. Raimundo Nonato Freitas de Cerqueira

Florianópolis, Santa Catarina, 20.8.1992 e  
03.12.2021

## ***O paralítico de Cafarnaum***

### ***Introdução aos fatos***

#### ***Fariseus raivosos***

Após ser expulso do vilarejo gadareno de Khera, onde havia libertado a um homem que incorporava uma legião de demônios, o Messias prometido e seu seletto grupo de seguidores entraram em um barco pesqueiro e navegaram para a aldeia de Cafarnaum, base de seu ministério terreno na Galileia.

E no exato momento quem que o jovem Rabi se encontrava ministrando a mensagem evangelística a um grupo de pescadores de sua comunidade, eis que fariseus e doutores da Lei Mosaica, de matizes os mais variáveis, vindos da Galileia, da Judeia e de Jerusalém, a mando da liderança do Sinédrio judaico, a velha raposa que os enviou, não, para que aumentassem suas reservas de conhecimento do plano salvífico, mas, enviados com a função específica de vigiar, de perto, seus passos, para então incriminá-lo junto ao procurador romano, Pôncio Pilatos.

Os fariseus constituíam uma xiita denominação religiosa de extrema direita, agarrada à letra da Lei Mosaica. E, nessa cegueira incontida, causaram enormes problemas políticos e espirituais a seu povo, dos quais resultaram na destruição do antigo Estado de Israel pelas legiões romanas.

Com a morte do macedônio Alexandre Magno, algum tempo depois, seu vasto império foi dividido entre seus quatro generais comandantes de

tropas. O general Selêuco Nicator herdou a Síria, a Mesopotâmia e a Judeia, e reinou por quase 50 anos, até 281 antes de Cristo. Foi durante a gestão de monarcas selêucidas que surgiu o grupo religioso dos fariseus, ou hassidins, saduceus, ou helenistas, e essênios.

Os saduceus eram os representantes da elite aristocrática e da linhagem de sumo sacerdotes, e assim controlavam a ordem política e religiosa do povo, os impostos recolhidos ao Templo de Jerusalém, e não criam na eternidade. Na verdade, eram ateus de carteirinha.

Contrário aos saduceus, os fariseus eram dirigentes religiosos, criticavam a riqueza da classe sacerdotal, apoiavam o livre-arbítrio, criam na vida eterna, na ressurreição do corpo humano e na vinda do Messias, como constituíam a casta religiosa que se impunha como guia espiritual da nação judaica. Os orgulhosos fariseus eram banqueiros, mercadores, advogados e médicos da comunidade.

Quanto aos essênios, eram ainda mais radicais que os fariseus, viviam em uma comunidade rural desértica, composta exclusivamente de homens solteiros, e ninguém era dono de coisa alguma.

Os fariseus ficaram furiosos ao receber informações de que o jovem Rabi de Nazaré ministrava a pescadores, a pessoas humildes e a odiados romanos ensinamentos de que o Eterno jamais os abandonaria, que os amava, e que eram pessoas valiosas aos olhos do Deus o Todo-poderoso, aquele que não faz distinção alguma de seres humanos.

Tais fatos de solidariedade levaram radicais fariseus a odiá-lo ainda mais, pelo fato de não ser rigoroso quanto à observância da Lei de Moisés, e de dar uma interpretação a seus seguidores como nenhum fariseu ousaria dar. Segundo a ótica abominável desses religiosos de viseira, o Rabi da Galileia estava rebaixando o Todo-poderoso a um nível inferior, como propagando heresias que minavam o poder espiritual da nação judaica.

E ao tomar conhecimento de que o povo humilde o havia aclamado como o Messias prometido pelas Escrituras, aí mesmo é que endoidaram de vez. Os fariseus advogavam que o Messias viria exclusivamente para o povo judeu, que o Messias seria mais poderoso que os reis de então, que viria em glória e em altivez, que viria revestido de poder temporal sobrenatural, que viria protegido por hostes angelicais, e que viria para expulsar os romanos que escravizam o seu povo.

Tais ilusões óticas levaram essa arrogante elite religiosa a desprezar o Rabi de Nazaré, por este ser uma pessoa de comportamento humilde, amigo de publicanos e de pecadores, ser desconhecido das classes dominantes, ser um líder anônimo que usava rudes sandálias de couro, que se vestia de trajes grosseiros, e que gozava da amizade de militares romanos, estes, severamente odiados, não somente pelo povo, mas também por membros do Sinédrio judaico.

Além dos mandamentos da Lei Mosaica, os fariseus acrescentaram, a ela, um rosário de tradições, as quais foram taxadas, pelo Rabi de

Nazaré, como mandamentos de seres humanos, e estes eram colocados acima dos mandamentos que o Todo-poderoso entregou a Moisés, no Monte Sinai. Elaboradas por rabinos, as 613 tradições que essa elite religiosa radical acrescentou à Lei de Moisés, constituía um fardo pesado de suportar, e o povo era obrigado a carregá-lo sem pestanejar (Lucas 11.46).

Na questão do sábado, a tradição farisaica exigia que, nesse dia, o judeu somente podia andar até mil passos, a chamada jornada de um sábado. E a respeito do dízimo, o fariseu não comia em casa de ninguém, a não ser em casa de outro fariseu, receoso de que o alimento posto à mesa não havia sido dizimado. E foi alimentado com o veneno de suas tradições, que criticavam o Rabi de Nazaré, por este se sentar à mesa para comer com publicanos, pescadores e pessoas humildes da sociedade.

Envolto pelo zelo do fanatismo religioso que criaram, pela lei das purificações e pelo manto das tradições, o fariseu evitava qualquer contato físico com pessoas humildes, e sempre que retornava a sua residência se submetia a um banho purificador, por julgar haver sido contaminado ao pegar em alguma coisa impura, ou haver mantido contato com alguém que não seguia os rituais das tradições criadas por rabinos.

Esses religiosos se deixaram aprisionar a um emaranhado de leis humanas difíceis de serem carregadas. Costumavam dar o dízimo do endro, do cominho e da hortelã, mas violavam o mandamento divino “não matarás”, ao construírem o caminho

para a crucificação do Messias, aquele a quem o odiavam.

### ***Os macabeus***

A partir do ano de 537 antes de Cristo, a nação judaica tornou-se colônia do Império Persa; no ano de 332 a.C. passou a ser colônia do Império Macedônio de Alexandre Magno. Com a morte deste, seu vasto império ficou dividido entre seus cinco generais comandantes de tropas, e a Judeia passou à condição de colônia do Império Egípcio de Ptolomeu Soter, que vigorou até o ano de 198 a.C., data em que ficou subordinada ao Império Selêucida instalado pelo general Selêuco Nicator.

Em 175 a.C., na gestão do imperador Antíoco Epifânio, conhecido como o Louco, este promulgou um edito que exigia do povo judeu obediência cega na adoração aos deuses do panteão grego, consagrou o Templo de Jerusalém a Zeus, e uma série de porcos passaram a ser sacrificados no Altar dos Sacríficos, e assim profanou a santidade do Templo de Jerusalém.

Ante tamanha profanação, um idoso sacerdote de Modin, de nome Matatias, no ano de 167 a.C., com o apoio de seus três filhos, liderou uma revolta armada, que logo agregou um grande número de revolucionários, e estes adotaram o slogan de guerra: “Para os montes, para os montes, por Jeová e Judá”.

Algum tempo depois, seu filho Judas comandou as tropas revolucionárias para expulsar o invasor, e muitos fariseus se uniram a suas fileiras

Todavia, faleceu em combate no ano 160 a.C.

Com a morte de Judas, que governou com o título de Sumo Sacerdote, seu irmão Jônatas assumiu o comando das tropas. E nesse momento tão delicado, os fariseus, o mesmo que hassidins, uma corja xiita por natureza, deixaram de apoiá-lo, e a nação ficou dividida em três correntes distintas: macabeus, saduceus e fariseus.

Capturado por tropas selêucidas, Jônatas foi assassinado, e seu irmão Simão assumiu o comando do movimento macabeu. Com a morte de Simão, seu filho João Hircano desejou ser coroado com o título de rei e sumo sacerdote, mas os fariseus lhe fizeram oposição ferrenha, e o monarca preferiu desistir do atrito por eles criado.

Os judeus que expulsaram os selêucidas eram reconhecidos com macabeus, e seus descendentes, que os substituíram no poder, ficaram conhecidos como hasmoneus. Macabeus e hasmoneus eram alinhados aos fariseus, até o dia em que estes impediram João Hircano de governar como rei e sumo sacerdote. Foi assim que Hircano rompeu com os fariseus e se aliou aos saduceus.

E quando seu irmão, Alexandre Janeu, o substituiu no trono e os fariseus lhe ofereceram resistência, o soberano matou 6 mil deles, e resolveu a questão.

Décadas depois, devido a uma ferrenha oposição da xiita casta farisaica, no ano 63 a.C., a Judeia se tornou colônia do Império Romano, com o general Cneu Pompeu. E cerca de um século após, como pagamento à ação terrorista dessa casta de

xiitas religiosos que construíram o caminho do Calvário, as legiões romanas de Tito Vespasiano riscaram do mapa o antigo Estado de Israel, o qual somente veio novamente a formar uma nação, cerca de quase dois mil anos depois.

### ***Interpretação dos fatos***

#### ***A residência judaica***

No momento em que Jesus de Nazaré se encontrava ministrando ensino a um grupo de seguidores do vilarejo de Cafarnaum, em casa do pescador Simão Pedro, filho de Jonas, presente encontrava-se, também, um grupo de xiitas fariseus e doutores da Lei. Esses estudiosos, peritos na interpretação e aplicação da Lei de Moisés, em sua maioria, compunham a seita dos radicais hassidins.

O saudoso pastor e escritor Enéas Tognini, amparado nos escritos de E.W. Heaton, Emma Williams Gill e Antônio Neves de Mesquita, trata sobre usos e costumes praticados pelo povo judeu dos dias de Jesus de Nazaré. A residência judaica dessa época histórica podia ser uma edificação simples ou sofisticada, dependendo do poder aquisitivo do cidadão, e como exemplo a casa edificada pelo rei Acabe, em Samária, foi erguida em marfim importado.

Quando residente na cidade mesopotâmia de Ur, na Babilônia, o patriarca Abraão, filho de Tera, habitava em uma casa de dois pavimentos, dotada de um pátio interno, com quartos no pavimento superior, e construída com tijolos produzidos em uma estufa ou secos ao Sol.

Posteriormente, quando se transferiu para Canaã, nome primitivo da Palestina, habitou em tendas durante o tempo de 100 anos. Habitar também em tendas o fez seu filho Isaque e seu neto Jacó, como todos os 3 milhões de israelitas que peregrinaram no deserto, liderados por Moisés, filho de Anrão.

Entretanto, quando esses israelitas tomaram posse de Canaã, passaram a residir em casas edificadas com pedras, elemento construtivo abundante na região. Faziam uso da técnica de uma fundação com o emprego de uma pedra no formato em “L”, a chamada pedra angular, em cada quina ou canto externo da edificação (Salmos 118.22), para garantir a estabilidade da unidade residencial.

No antigo Egito, onde o povo israelita residiu por 430 anos, costumava usar adobe, fabricado com argila misturada a pedaços de palha, devido ausência de pedra nessa nação africana. E como em Canaã a argila era escassa, faziam uso de pedra, que é um material construtivo abundante, para construir a fundação e as paredes de suas residências.

As classes menos favorecidas construía suas residências, geralmente, com um único e amplo cômodo, ambiente onde viviam, trabalhavam, comiam e dormiam, e até costumavam abrigar uma ou duas ovelhas durante um período do ano. Na zona rural, as casas eram isoladas, todavia, no ambiente urbano, os de menos posses construía casas geminadas. E um exemplo disso foi a casa que Raabe edificou em Jericó, aproveitando a muralha

da cidade como parede para sua edificação (Josué 2.15).

Devido ao clima de Canaã, as edificações não costumavam usar telhas cerâmicas como telhado, mas uma simples laje edificada com argila e madeira. Uma vez erguidas as paredes, caibros de madeira eram fixados sobre o respaldo das paredes, em toda sua extensão, vindo sobre eles uma série de ripas de madeira devidamente espaçadas. Sobre esse tramado de madeira era estendido juncos ou galhos de arvoredos para preencher os espaços vazios deixados pelas ripas.

E uma vez a peça estar devidamente vedada, sobre esse revestimento vegetal era lançada uma camada de argila com espessura de 28 centímetros, a qual era devidamente compactada. Esse teto funcionava como terraço ou eirado, e este era protegido por um parapeito, que servia de segurança para as pessoas que circulavam sobre esse ambiente da cobertura do imóvel (Deuteronômio 22.8).

Toda unidade residencial possuía uma escada externa de acesso ao eirado, espaço usado para se trabalhar, conversar, contemplar a paisagem, guardar produtos vegetais comestíveis, cana de linho, realização de funerais de membros da família, e ainda funcionava como mostruário de loja comercial para expor produtos destinados à venda. No eirado era deixado um espaço vazio que alimentava um pátio interno.

As unidades residenciais eram dotadas de um pátio externo e de um pátio interno, este, para

onde os cômodos se abriam. Esse pátio, que funcionava com uma espécie de poço de elevador, era provido de paredes laterais, o que permitia produtos estocados no eirado fossem descidos, por meio de um elevador de cordas, para o ambiente térreo da unidade construtiva.

De acordo com o poder aquisitivo do cidadão, as casas das faixas menos favorecidas, denominadas casas populares, eram de um só pavimento, e as das pessoas abastadas tinham dois pavimentos. Nessa época, era costume edificar um aposento sobre o eirado, o qual era chamado de cenáculo.

### ***Conclusão dos fatos***

E exatamente no momento em que o jovem Rabino ministrava aos presentes, uma cena cinematográfica estupenda, deixou a todos boquiabertos, ao contemplarem o ato de cunho fantástico. Certo paralítico de algum vilarejo do entorno, transportado numa maca ou padiola, por quatro homens robustos, foi conduzido à casa de Simão Pedro, onde o Rabino se encontrava, mas esta encontrava-se completamente lotada.

Então, a solução dos condutores foi transportá-lo ao eirado, pela escada externa, e por um elevador de cordas, desceram a maca até ao pátio interno, onde o Pregador se encontrava. Em meio a esse cenário altamente criativo, o paralítico encontrou-se aos pés do Enviado divino, e este silenciou-se ao ver tamanha engenhosidade de fé daquele paralítico. Caso fosse em nossos dias, creio

que canais televisivos, de vários matizes, gostariam de explorar suas cenas de uma criatividade estupenda (Atos 10.9-12).

Ao contemplar o paralítico prostrado a seus pés, em busca de cura para o fardo pesado que há anos carregava, o jovem Rabino se dirigiu ao paciente deformado com a informação de que seus pecados estavam perdoados, fato que causou a ira da corja de arrogantes fariseus, presentes ao ato, ao acusá-lo de estar blasfemando contra o Deus o Todo-poderoso.

Na verdade, e isso é fato, o Messias não cometeu nenhum ato de blasfêmia, porquanto, segundo a teologia ensinada por essa maléfica casta farisaica a seus alunos de ministério, era necessário a ministração da palavra de perdão de pecados antes de se ministrar a cura do enfermo. Era costume de mestres fariseus ministrar a doutrina de perdão de pecados na cura do enfermo, devido ao fato de que o ser humano podia ser um instrumento de ministrar a cura, mas que somente o Eterno tinha o poder de conceder o perdão de pecados (Marcos 2.7).

Entretanto, esses fariseus, que eram conhecedores de tais princípios doutrinários, condenaram o jovem Rabi de haver cometido blasfêmia. Para essa casta de hassidins raivosos, o paralítico deveria continuar se arrastando pelo resto de sua existência terrena.

Mas, para demonstrar a essa corja xiita de religiosos arrogantes, que ele, Jesus de Nazaré, era o Criador de todas as coisas, e de que sem Ele nada do que foi criado se formou, voltando-se para o

marginalizado a seus pés, ordenou-lhe que se levantasse, pegasse sua fétida maca e fosse caminhando normalmente para sua casa.

Falando a respeito do Messias odiado pelos fariseus, o apóstolo João, filho de Zebedeu, registrou que todo aquele que acredita ser o Rabino de Nazaré, o Enviado divino, essa pessoa é nascida de Deus, e toda aquela que nega essa afirmativa, é do Malígnio, daí tanta oposição dos hassidins ao ministério terreno do Homem de Nazaré (I João 5.1).

Não é preciso mencionar que os presentes começaram a saltar de alegria ao ver maravilhas serem realizadas em seus dias. E enquanto o povo se alegrava em ver um deficiente ser restaurado a suas habilidades naturais, os encenqueiros de plantão espumavam de raiva. Trazendo os fatos para nossos dias, a enfermidade da alma continua sendo a paralisia que leva as multidões a se arrastarem aos insaciáveis desejos da carne.

### ***Questionário dos fatos***

1. Por que os 4 homens robustos que transportavam o paralítico em uma maca não desistiram, ao verem a casa de Simão Pedro repleta de pessoas?

A fé de que o paralítico seria curado, e que essa deveria ser sua última oportunidade, foi o motor que os acionou a desistirem da causa; e assim motivados, subiram ao eirado da casa para descê-lo pelo poço interno.

2. Por que os fariseus acusaram a Jesus de Nazaré de haver cometido blasfêmia, pelo fato de haver perdoado os pecados do paralítico, antes de curá-lo?

Ao perdoar os pecados do deficiente físico, o Galileu, mostrou aos presentes, ser o Deus o Todo-poderoso, daí causar irritação à corja de fariseus incircuncisos.

O parálítico de Cafarnaum

Lucas 5.17-26; Marcos 2.1-12; Mateus 9.1-8

pr. Raimundo Nonato Freitas de Cerqueira

Florianópolis, Santa Catarina, 10.04.1993 e  
24.01.2021

## ***O homem da mão mirrada***

### ***Introdução aos fatos***

A Operação Tapete Mágico foi desenvolvida para resgatar a comunidade judaica que vivia no Iêmen, um país situado no Golfo Pérsico, na parte meridional da Península Arábica. A técnica desenvolvida no represamento de água tornou a terra iemenita muito fértil. Açudes e cisternas foram construídos por toda a região, que, por muitos anos, viveu isolada da civilização. No passado, após visitar o rei Salomão, rotas comerciais entre Israel e o Reino de Sabá, ou Iêmen, foram estabelecidas ao longo do Mar Vermelho e do escaldante deserto, e colônias israelitas foram instaladas nessa região da Península Arábica.

Isolado do restante da sociedade mundial, o Reino de Sabá viveu como uma sociedade primitiva, desprovida de hospitais, escolas, jornais, imprensa, rádio, telefone, dentre outros elementos estruturais. Suas estradas eram verdadeiras trilhas de caravanas de camelos, as cidades eram instaladas no alto das montanhas, cercadas por um cinturão desértico a lhes dar proteção, e o analfabetismo reinava a céu aberto.

Nos dias da Operação Tapete Mágico, o Reino de Sabá era governado por um Imã, líder islâmico descendente de Maomé, revestido de poder absoluto. Tribos hostis eram mantidas em controle severo, e costumava sequestrar importantes membros tribais para mantê-los como reféns, e assim mantinha seu reino em paz e em segurança.

Rodeado por centenas de escravos e postado de pernas cruzadas em um suntuoso harém de belas donzelas, o Imã costumava fazer justiça mandando cortar o nariz da mulher apanhada em prostituição e a mão do ladrão apanhado no ato do crime.

A colônia judaica desenvolveu atividades relacionadas com a arte da ourivesaria, fabrico de joias, cunhagem de moedas, curtume de peles, marcenaria, fabricação manual de sapatos, e o conhecimento era repassado de pais para filhos.

Como não havia imprensa, a comunidade judaica copiava a Torá em pergaminhos confeccionados em couro curtido, uma velha técnica de produção de livros. O tempo passou, mas nunca deixaram de pensar na cidade de Jerusalém, a terra de seus antepassados.

Ao longo de três mil anos, esses judeus-iemenitas permaneceram fiéis ao Judaísmo, mantendo-se na cultura religiosa de seus antepassados. Eles conservaram a Torá, que são os cinco primeiros livros da Bíblia, as leis mosaicas, a guarda do sábado, os feriados e as festas judaicas. As cópias da Torá eram produzidas a mão sobre couro curtido, o chamado pergaminho.

E quando o grande Imã passou a sequestrar órfãos da comunidade para iniciá-los no Islamismo, a liderança judaica tratava logo de casar os órfãos, independente de idade, como solução encontrada para solucionar o problema, e até “havia casos de

crianças de meses de idade que já eram maridos ou esposas”<sup>1</sup>.

Esses judeus-iemenitas vestiam-se de forma semelhante aos antigos profetas, tal o isolamento tribal ao longo dos séculos. Apesar de isolados do mundo tecnológico, nunca se esqueceram de que um dia retornariam a Jerusalém, e assim esperaram com paciência o dia em que retornariam à terra de seus antepassados. Em várias ocasiões, pessoas isoladas ou em pequenos grupos conseguiram cruzar o deserto para fundar colônias em Canaã.

No momento em que o Iêmen declarou guerra a Israel, em 1948, suas tropas lutaram nas fileiras do Exército do Egito. Nessa ocasião, os Haham, ou Sábios da comunidade judaica, entendiam que o conflito árabe-judaico era um aviso divino para retornarem a Jerusalém.

Nessa ocasião, o líder da comunidade foi ao Chefe tribal para obter autorização para deixar o território. Disseram-lhe que o “Rei David retornara a Jerusalém! Sua longa espera chegara ao fim! e que se erguessem e subissem para a Terra Prometida nas asas das águias”<sup>2</sup>!

A resposta do Imã foi um não a suas pretensões. Contudo, os Haham deixaram com ele um exemplar da Torá, e pediram-lhe que lesse o livro de Êxodo. O Chefe tribal gastou vários dias

---

<sup>1</sup> Leon Uris. Exodus. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 606 p. Tradução de Vera Pedroso.

<sup>2</sup> Idem.

lendo seu conteúdo. As dez pragas que desabaram sobre o Faraó egípcio não saíram de sua mente.

O líder tribal entendeu que uma epidemia de tifo que matou a quarta parte da população iemenita era um aviso de Alá. Finalmente, concordou em deixar os judeus partirem, mas, cada membro da comunidade teve que entregar seus bens e suas propriedades, além de pagar um imposto, e deixar como reféns centenas de artesãos para ensinar o ofício ao povo iemenita.

Os judeus-iemenitas deixaram suas aldeias nas montanhas e rumaram para o Porto de Áden, mas tiveram que atravessar desertos, ventos fortes e Sol escaldante. Cada membro carregou consigo apenas o necessário, deixando seus bens e propriedades para trás. Mas cada comunidade levou consigo a Torá, e cada aldeia a Torá de sua sinagoga.

O Iêmen estava dividido em vários protetorados, os quais eram constituídos de pequenos reinos e várias tribos de beduínos espalhadas pelo território desértico ao longo da costa marítima do Mar Vermelho e do Golfo de Áden. Quase todos bens pessoais que esses judeus levaram foram gastos pagando pedágio para atravessar territórios controlados por pequenos reinos e tribos beduínas, até chegar ao Porto de Áden.

Esse porto, que liga o Oriente ao Ocidente, foi inicialmente colonizado pelos gregos, e posteriormente passou ao domínio de outros povos, até chegar ao controle do então poderoso Império Britânico, que, por muitos anos manipulava essa

região, desde quando assinou uma série de tratados para a exploração de poços de petróleo.

O comando britânico mandou instalar a comunidade judaica-iemenita em um campo de refugiados, nas proximidades de Hashed, até que o Estado Judeu os levasse para Israel.

Foi uma tarefa muito difícil para o pessoal da assistência social de Israel cuidar dos membros de uma comunidade primitiva que passou três mil anos isolada da sociedade. No momento em que o serviço médico feminino tratou de substituir as roupas esfarrapadas de corpos cheios de piolhos, as iemenitas se puseram em berros selvagens de desespero. Hermeticamente isolados do mundo, chamado civilizado, esses judeus desconheciam o que era automóvel, avião, energia elétrica, lavatório, vaso sanitário e demais equipamentos.

No início de 1949 ocorreu a imigração de 45 mil judeus que viviam no antigo Reino de Sabá. Com a permissão do Império Britânico estacionado em Áden, a American Joint Distribution Committee, uma organização assistencial judaico-americana, montou acampamento para receber os imigrantes, e contou com a ajuda de um corpo médico e assistentes sociais israelenses.

Para transportar esses judeus a Israel, foi fretada as Linhas Aéreas do Oriente Próximo, uma companhia aérea norte-americana. Esses iemenitas eram tão subnutridos que foi preciso colocar 170 deles para completar um só voo, o dobro de uma lotação normal. Como não houve tempo suficiente para que todos pudessem tomar banho, o cheiro

insuportável de desodorante vencido tomou conta dos passageiros.

O primeiro avião das Linhas Aéreas Centrais da Palestina aterrisou em Hashed, num dia de sábado, contudo, os judeus-iemenitas se recusaram entrar na aeronave, nesse dia, para não quebrar a Lei Mosaica. Argumento algum foi suficientemente capaz para demovê-los de sua fé. Somente entraram na aeronave após o Pôr do Sol daquele dia. Estavam tão agarrados à lei sabática, como as legiões estavam agarradas a Roma.

A aeronave decolou, e quando sobrevoava o Mar Vermelho, na altura da Arábia Saudita, o pessoal de bordo detectou uma fogueira que havia sido acesa no piso da aeronave, pois, queriam se aquecer do frio. Ainda foi possível apagá-la, antes que ocorresse uma tragédia fatal. Ao ouvirem o serviço de alto-falantes de bordo transmitindo avisos, começaram a apontar o dedo para o teto e gritar, pois, julgavam estar ouvindo a voz de Yahweh.

E quando o avião aterrisou em solo judaico, o barulho de tanta alegria foi de tal monta, que abafou o ruído dos motores do avião. Com os olhos em lágrimas, ajoelharam-se para beijar o solo da pátria de seus antepassados. A Operação Tapete Mágico estava apenas começando.

Um grupo de veteranos pilotos norte-americanos foi contratado para resgatar judeus-iemenitas de volta para a terra de Israel. Apesar dos aviões estarem desgastados pelo tempo, não houve um único acidente em toda a operação de resgate. Os

pilotos até acreditavam que foram sustentados pela mão divina. A operação aérea desencadeada pela França, Inglaterra e Estados Unidos agrupou dezenas de aviões para resgatar esses judeus do antigo Reino de Sabá.

### ***Interpretação dos fatos***

Acompanhado de seus discípulos, o Rabi de Nazaré esteve em uma sinagoga, supostamente, a de Cafarnaum, a qual costumava frequentar, sempre que se encontrava nesse vilarejo pesqueiro. Nesse dia de sábado foi convidado para conduzir os trabalhos religiosos. Durante a palestra, avistou uma pessoa que tinha a mão direita mirrada sentado em um dos bancos.

A liderança farisaica entendia que a santidade do sábado somente podia ser violada, apenas, em caso de emergência; contudo, para o jovem Pregador, as necessidades humanas estão acima de todo e qualquer caso de emergência, e nem, tampouco, limitada a dia específico da semana.

Os fariseus, que se julgavam guardiões da Lei de Moisés, por entenderem estar sendo ameaçado seu sistema religioso e seus valores, começaram a montar vigilância aos movimentos do jovem rabino, Jesus de Nazaré, pela região da Galileia, para apanhá-lo em contradição, e então incriminá-lo.

A cura de um deficiente físico em uma sinagoga e o apanhar espigas de milho por seus discípulos em uma gleba, por onde passaram, ambas efetuadas em um dia de sábado, foi a oportunidade

que escribas e fariseus usaram para tentar incriminá-lo.

O sábado havia sido dado ao povo judeu, nos dias de Moisés, como um dia especial para o ser humano repousar de suas atividades profissionais, e assim, então, se lembrar das bênçãos recebidas de seu Criador. Todavia, com os anos, os fariseus fizeram do sábado o deus a ser adorado.

Então, aos que haviam transformado esse dia em um emblema nacional de adoração, colocando-o acima do ser humano, este, criado segundo imagem e semelhança de seu Criador, o jovem Rabino, nessa oportunidade, abalou os alicerces farisaicos da idolatria sabática, afirmando por palavras, atos e fatos, ter autoridade sobre o sábado, e assim o fez lembrar que uma fonte de amor e de misericórdia está acima do sistema farisaico de adoração ao deus sábado.

O sábado, dia que o Eterno deu a seu povo para descanso, o legalismo farisaico o transformou numa peça de idolatria, e o colocou acima do ser humano. Segundo a Lei Mosaica, era facultado ao cidadão colher grãos à mão para saciar a fome, no momento em que transitasse em uma gleba agrícola, mas ficava proibido levar consigo qualquer unidade excedente (Deuteronômio 23.25).

No caso da colheita, o Enviado divino defendeu seus discípulos, fundamentado no “princípio de que as necessidades e o conforto humano” são muito mais importantes que a rigidez sabática farisaica. E para um calar a boca estonteante desses religiosos de plantão, mencionou que o jovem

pastor de ovelhas, de nome Davi, quando fugia da ira do então rei Saul, encontrando-se em estado de fome intensa, não receou comer os pães da proposição do santuário de Nobe, administrado pelo sacerdote Abimeleque, alimento reservado, exclusivamente, à classe sacerdotal (I Samuel 21.1-6).

Esses fariseus, que se julgavam ser os verdadeiros deuses cuidadores do sábio judaico, ficaram apequenados ao ouvir o Filho do Homem afirmar ser, Ele, o verdadeiro Senhor do Sábado.

A exemplo dos judeus que viviam no antigo Reino de Sabá, nos dias da Operação Tapete Mágico, que se recusarem entrar numa aeronave com destino a Jerusalém, num dia de sábado, somente o fazendo após o Pôr do Sol, os fariseus, também, idolatravam o sábado, como se esse dia de descanso fosse o próprio Yahweh.

Alguns dias após a colheita das espigas, o Nazareno encontrava-se em uma sinagoga de algum vilarejo da Galileia, em um dia de sábado, e lhe foi credenciada a palavra para ministrar aos presentes nesse santuário de adoração, e como não poderia deixar de acontecer, lá encontrava-se, também, um grupo de escribas e fariseus escalados, por seus senhores do Sinédrio de Jerusalém, para espionar se o palestrante de sandálias confeccionadas de couro rústico e manto de tecido não sofisticado, violaria o sábado para curar um homem que tinha a mão direita atrofiada.

As mãos são uma ferramenta natural para a execução de tarefas do cotidiano e de produção de

riquezas. E aquele cidadão, com a mão direita ressequida, lhe trazia imobilidade, tristeza e vergonha social e familiar. Então, movido de uma enorme compaixão por aquele infeliz, o jovem Pregador, desejoso de reintegrá-lo à sociedade, da qual vivia marginalizado, ordenou ao deficiente físico que se pusesse de pé, se colocasse no centro do santuário, local onde encontrava-se o púlpito, e ao mesmo tempo estendesse sua mão ressequida, para que todos a vissem.

Em um templo católico ou evangélico, os fiéis costumam se postar sentados em bancos voltados para o púlpito, porém, em uma sinagoga, que é uma casa de adoração judaica, o leiaute é totalmente diferente, porque os fiéis se assentam de frente um para o outro, e o púlpito fica colocado bem no centro do santuário.

Em seguida, dirigindo-se aos presentes, perguntou-lhes se era lícito, no Dia de Descanso, fazer o bem ou mal, salvar a vida ou matar. E como ninguém o questionou, dirigindo-se ao deficiente físico, pediu-lhe que estendesse a mão atrofiada. E a uma sua ordem de comando, ao estendê-la, teve sua mão totalmente restaurada, para delírio de todos aqueles que viram, no Pregador, o Messias que viria para o seu povo.

O jovem galileu mostrou àqueles fariseus que, segundo a Lei Mosaica, era permitido libertar um animal, em um Dia de Descanso ou em um dia de festa nacional, caso estivesse em perigo de vida. E aquele deficiente físico, por ser mais importante que um animal qualquer, devia ser imediatamente